

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE**  
**CURSO DE FISIOTERAPIA**

Marina Porto Kasper

**PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS EM OBSTETRÍCIA NA CONCEPÇÃO DE**  
**ALUNOS DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE**

Porto Alegre

2023

**Marina Porto Kasper**

**PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS EM OBSTETRÍCIA NA CONCEPÇÃO DE  
ALUNOS DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Fisioterapia,  
da Universidade Federal de Ciências da Saúde de  
Porto Alegre, como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Fisioterapia

Orientador: Gabriela Tomedi Leites

Coorientador: Raphael Maciel da Silva Caballero

Porto Alegre

2023

### Catlogação na Publicação

Porto Kasper, Marina

PRÁTICA BASEADA EM EVIDÊNCIAS EM OBSTETRÍCIA NA  
CONCEPÇÃO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE /  
Marina Porto Kasper. -- 2023.

32 p. : 30 cm.

Monografia (trabalho de conclusão de curso) --  
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto  
Alegre, Curso de Fisioterapia, 2023.

Orientador(a): Gabriela Tomedi Leites ;  
coorientador(a): Raphael Maciel da Silva Caballero.

1. Prática baseada em evidências. 2. Educação. 3.  
Obstetrícia. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados  
fornecidos pelo(a) autor(a).

## AGRADECIMENTOS

Apesar de muito esforço, dedicação e persistência própria, sei que não teria chegado até aqui se não fosse pela minha rede de apoio. Gostaria de agradecer profundamente a todos que de alguma forma participaram dessa jornada e tornaram ela mais leve. Mas sempre há aqueles que nos marcam de forma especial, que fazem parte da trajetória de forma insubstituível e precisavam estar ali para que tudo acontecesse.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Ana e Diego, que desde cedo me mostraram como a educação era um caminho lindo a se seguir e me apoiaram em cada passo. Minha mãe, que foi melhor amiga, confidente e motorista para todas as horas, me mostrou que podemos manter os pés no chão enquanto rimos da vida à nossa volta. Meu pai, que me ensinou a me virar sozinha, de quem eu herdei a maior cara de pau e quem sempre me incentivou a ir mais longe. Aos meus avós, Silvia e Ubirajara, que apoiaram todos meus planos, foram parceria para todas as invenções de moda e abriram a sua casa para mim.

Agradeço também àqueles que eu escolhi chamar de família, que tornam a minha vida mais feliz e divertida. Ao meu amor, Henrique, não tenho palavras para agradecer o apoio, a paciência e o companheirismo, por sempre acreditar que eu seria capaz mesmo quando eu não achava possível e por me lembrar várias vezes que tudo ficaria bem. Ao meu irmão de outra mãe, Pedro, obrigada por ser a pessoa com quem eu sempre pude contar, que me deixa confortável dentro de um abraço e me faz rir das coisas mais estúpidas. Às minhas amigas do coração, Karina e Carol, obrigada pelas brincadeiras, pelas chamadas de vídeo na pandemia e por tudo que já passamos juntas.

Aos meus amigos que levarei da faculdade para a vida, Ana Clara, Isabela e Gustavo, agradeço a parceria, as risadas e os colos, sem vocês esse curso não seria o mesmo. Muito obrigada à família Rondon, que me recebeu de braços abertos e me ensinou tanto sobre viver e adaptação. Agradeço às profissionais da saúde que me acompanharam e cuidaram de mim, Mariana e Estefânia.

Aos meus professores, que desde o ensino fundamental me incentivaram a ser eu mesma dentro da sala de aula, me mostraram que criatividade e disciplina podem andar juntas e sempre acreditaram no meu potencial. Aos professores da Fisioterapia, obrigada Marcelo, por sempre estar disponível e pronto para encarar mais um desafio, Patrícia, por me apresentar ao maior amor da minha vida profissional e Alcina, por ensinar com tanta competência e afeto.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Gabriela, por me permitir unir minhas paixões nesse trabalho de conclusão de curso e acreditar que tudo daria certo. Ao meu co-orientador, Raphael, por criar esse projeto em conjunto conosco. Pelas colegas de curso que auxiliaram nas coletas do trabalho e dedicaram seu tempo para que chegássemos ao objetivo conjunto. E à minha banca avaliadora, por aceitar participar de um momento tão importante em minha formação.

Obrigada às minhas preceptoras, por confiarem em mim e abrirem seus espaços para que eu pudesse aprender. Um agradecimento especial a todos os pacientes que conheci durante as práticas e os estágios, vocês foram essenciais para a profissional que estou me tornando.

# **Sumário**

<b>Introdução</b>	<b>10</b>
<b>Metodologia</b>	<b>12</b>
<b>Resultados</b>	<b>13</b>
<b>Discussão</b>	<b>16</b>
<b>Conclusão</b>	<b>18</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>20</b>

**Prática baseada em evidências em obstetrícia na concepção  
de alunos de graduação da área da saúde**

*Healthcare graduate students conceptions in evidence-based  
practice in obstetrics*

*Práctica basada en evidencia en obstetricia en el concepto de  
estudiantes de grado en salud*

**A ser submetido para a revista Educação: Teoria e Prática  
Qualis CAPES A2**

## **Resumo**

A assistência obstétrica no Brasil apresenta uma alta prevalência de intervenções sem respaldo científico, sendo o ensino em obstetrícia uma barreira para melhorar essa realidade. A inserção da Prática Baseada em Evidências (PBE) no ensino pode contribuir para efetividade clínica e atendimento humanizado ao estimular o pensamento crítico e a autonomia do aluno da saúde, favorecendo a tomada de decisões baseada em evidências. Dessa forma, o estudo teve como objetivo analisar o conhecimento dos alunos de graduação de uma universidade especializada na área da saúde sobre PBE no contexto da atenção obstétrica. Para isso, alunos dos cursos de Biomedicina, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição e Psicologia responderam a um questionário online com 15 perguntas nas esferas de caracterização da amostra, percepção sobre PBE e sobre sua aplicação no contexto da assistência obstétrica através de casos situação. De 154 participantes, 104 não souberam identificar adequadamente quais intervenções e práticas obstétricas apresentam respaldo em evidências científicas. Obtiveram melhores resultados os alunos que possuíam disciplinas específicas de obstetrícia em sua matriz curricular e apontaram ter tido contato com a PBE durante o ensino obstétrico. Através desse resultado, pode-se concluir que existem lacunas importantes no ensino-aprendizagem da obstetrícia em graduações da área da saúde.

**Palavras-chave:** Prática baseada em evidências. Educação. Obstetrícia.

## **Abstract**

Obstetric care in Brazil presents a high prevalence of interventions lacking scientific backup, with obstetric education being a barrier to improving this reality. Evidence Based Practice's (EBP) insertion in teaching can contribute to clinical effectiveness and humanized care by stimulating critical thought and health graduate students' autonomy, favoring evidence based decision making. Therefore, the study aimed to analyze graduate students from a specialized health university knowledge about EBP in the context of obstetric care. To that end, students from Biomedicine, Nursing, Pharmacy, Physiotherapy, Phonoaudiology, Medicine, Nutrition and Psychology answered an online questionnaire with 15 questions on sample characterization, EBP perception and its application in obstetric care context through case-situations. Out of 154 participants, 104 couldn't properly identify which interventions and obstetric practices were supported by scientific evidence. By that result, it's possible to conclude there are still important gaps in health graduate students' obstetric education.

**Key-words:** Evidence-based practice. Education. Obstetrics.

## Resumen

La atención obstétrica en Brasil tiene una alta prevalencia de intervenciones sin respaldo científico, siendo la educación obstétrica una barrera para mejorar esta realidad. La inclusión de la Práctica Basada en la Evidencia (PBE) en la enseñanza puede contribuir a la efectividad clínica y la atención humanizada al estimular el pensamiento crítico y la autonomía en los estudiantes de salud, favoreciendo la toma de decisiones basada en la evidencia. Por lo tanto, el estudio tuvo como objetivo analizar el conocimiento de estudiantes de graduación de una universidad del área de la salud sobre la PBE en el contexto de la atención obstétrica. Para ello, estudiantes de Biomedicina, Enfermería, Farmacia, Fisioterapia, Logopedia, Medicina, Nutrición y Psicología respondieron a un cuestionario online con 15 preguntas en las áreas de caracterización de la muestra, percepción de la PBE y su aplicación en el contexto de la atención obstétrica por medio de situaciones de casos. De 154 participantes, 104 no pudieron identificar adecuadamente cuales intervenciones y prácticas obstétricas están respaldadas por evidencia científica. Los estudiantes que tenían materias específicas de obstetricia en su currículum obtuvieron mejores resultados y reportaron haber tenido contacto con la PBE durante la educación en obstetricia. A través de este resultado, se concluye que existen importantes lagunas en la educación de obstetricia para estudiantes de graduación en salud.

**Palabras-clave:** Práctica basada en evidencia. Educación. Obstetricia.

## Introdução

A atual assistência obstétrica no Brasil revela uso abusivo e inadequado de intervenções, pela violação de direitos da parturiente e pela prática de violência obstétrica (CORTES, 2018). Recentemente, a violência obstétrica tornou-se um problema de saúde pública dada proporção e gravidade das sequelas geradas, sendo constituída por intervenções iatrogênicas que afetam negativamente a saúde física e mental da gestante (SOUZA, 2021). A prevalência da violência obstétrica no Brasil é alta, variando de 18,3% a 44,3% de acordo com a pesquisa Nacer no Brasil: inquérito nacional sobre o parto e o nascimento (2012). A problemática da violência obstétrica pode ser prevenida ou reduzida ao se implementar uma assistência obstétrica embasada em evidências científicas (CORTES, 2018). Entretanto, ainda há poucos estudos que abordam a educação da Prática Baseada em Evidências e a humanização na formação em saúde como uma alternativa para mitigar a prática da violência obstétrica (HENRIQUES, 2021; COIMBRA, 2021).

Ao longo do desenvolvimento da sociedade, a atenção obstétrica passou por grandes mudanças que impactam na atuação profissional e na experiência de parto. O trabalho de parto até final do século XIX era visto como uma prática feminina, familiar e natural, passou a ser um ato médico a partir da fundação das universidades e do adentramento da Medicina na atuação no parto. A partir dessa mudança de perspectiva, a assistência obstétrica passou por um processo de patologização de eventos naturais, institucionalização e medicalização (OLIVEIRA, 2022).

Opondo-se à realidade centrada no cuidador intervencionista no Brasil, no final da década de 1980, surge o movimento social pela humanização do parto e do nascimento em consonância ao movimento da Medicina Baseada em Evidências (ZANARDO, 2017). Aliado aos movimentos sociais, ocorre o surgimento de políticas públicas em defesa da atenção humanizada baseada em evidências científicas na obstetria, como o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher de 1985 e posteriormente o Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento em 2002.

Ainda que impulsionada social e politicamente, a humanização do cuidado obstétrico encontra barreiras dentro do ensino (ZANARDO, 2017). Por se constituir de espaços que valorizam a intervenção, a tecnologia e os procedimentos técnicos, esferas como a interação com as pacientes tornam-se secundárias. A inserção da PBE no ensino e na assistência obstétrica é um processo complexo por envolver mais do que a disponibilidade de evidências

científicas de qualidade, mas também mudanças de comportamento individual e institucional para trazê-las do campo teórico para a prática clínica cotidiana (CORTES, 2018).

A intenção manifestada pelos estudantes de aplicar evidências científicas na sua prática profissional é capaz de prever tal comportamento no futuro (ECCLES, 2006). A pretensão dos alunos é influenciada pela sua confiança em seu conhecimento de PBE, podendo esse ser modificada e melhorada através de metodologias de ensino da PBE (RAMIS, 2019). KYRIAKOULIS, (2016) buscou acessar quais metodologias de ensino eram utilizadas para o ensino da PBE e analisar quais trariam os melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem de alunos de graduação. Como resultado, encontrou-se que metodologias como palestras, sessões de pesquisa digital, discussão em pequenos grupos, grupos de debate de artigos e revistas científicas, tarefas e associação com experiência em prática clínica são mais eficazes quando trabalhadas de forma concomitante e interligada do que quando aplicadas individualmente. Para além disso, o uso de recursos digitais trouxe resultados positivos para o desfecho esperado e não houve diferença significativa quanto ao tempo da intervenção.

Atitudes humanizadas não são apenas aprendidas na teoria, mas através de vivências em práticas assistenciais ligadas ao ensino da obstetrícia (DAWES, 2005). Nesse contexto, é imprescindível que instituições que compõem a formação de futuros profissionais da saúde atuem com professores, preceptores, residentes e profissionais da saúde contratados que estejam atualizados quanto às práticas adequadas para oferta de um serviço humanizado e alinhado com as evidências científicas atuais (OLIVEIRA, 2022).

Para além do corpo docente, a metodologia utilizada para o ensino da obstetrícia e da PBE na graduação também impacta grandemente no aprendizado dos alunos. Metodologias tradicionais usualmente não conferem ao aluno autonomia e responsabilidade sobre o seu processo de ensino-aprendizagem (FERRAZ, 2020). Metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em problemas, e projetos universitários de extensão, pesquisa e docência tornam o aluno protagonista do seu aprendizado. A inserção ativa do aluno nesse processo traz vantagens na sua percepção crítica sobre o conteúdo assim como na sua absorção do mesmo (LEITE, 2021; SANTOS, 2016).

A realidade da assistência obstétrica brasileira é permeada de intervenções iatrogênicas sem respaldo científico. Uma importante barreira para a melhoria da assistência é a atual metodologia do ensino na obstetrícia, sendo a PBE uma considerável ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o presente estudo teve como principal objetivo analisar o conhecimento dos alunos de graduação de uma universidade especializada

na área da saúde sobre PBE no contexto da atenção obstétrica. Secundariamente, buscou-se compreender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem da PBE em cursos de graduação na área da saúde.

## **Metodologia**

Estudo observacional descritivo do tipo transversal com abordagem quantitativa. Realizado de forma online através da plataforma Google Forms. Constituído de sete questões para identificação de perfil acadêmico, seis questões de múltipla escolha sobre a PBE em Obstetrícia, cinco casos-situação acompanhados de uma questão de múltipla escolha referente aos casos-situação, uma questão de percepção individual de múltipla escolha e uma questão aberta de resposta facultativa.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da universidade referência, conforme o parecer CAAE: 64710022.0.0000.5345. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A população analisada foi formada por alunos de graduação de uma universidade especializada na área da saúde. A amostra foi constituída de alunos de graduação dos cursos de Biomedicina, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição e Psicologia. Tal amostra se constitui de futuros profissionais que poderão ter contato direto no atendimento de mulheres no ciclo gravídico-puerperal. Para o cálculo amostral, estimou-se uma proporção de 50% de conhecimento de PBE, erro tolerado da estimativa de 8% e confiança de 95%, resultando em 151 participantes.

O questionário desenvolvido pela equipe de pesquisa abordava dados sociodemográficos (idade e gênero), perfil acadêmico (curso e semestre) e de formação sobre PBE (se já teve contato com o termo, em que espaço isso ocorreu, se já cursou disciplina específica de Saúde da Mulher, Saúde Materno-Infantil ou Obstetrícia, percepção individual da importância do assunto na prática clínica e na educação), especialmente na área de obstetrícia.

Foi analisada a relação das variáveis com os conhecimentos específicos de PBE em obstetrícia através de cinco breves casos clínicos acompanhados de uma questão de múltipla escolha ao final. Os casos clínicos abordavam situações típicas do cenário obstétrico, como a liberdade de movimento da gestante em trabalho de parto e a episiotomia de rotina, de forma facilitada para entendimento de todos os participantes da pesquisa. Na questão final, os

participantes deveriam assinalar todas as alternativas que acreditavam constituir uma prática/intervenção em obstetrícia embasada por evidências científicas. A correção das respostas foi embasada no documento “Recomendações da OMS para cuidados intraparto para uma experiência de parto positiva”.

Por ainda não existir um método oficial de mensuração relativo à violência obstétrica ou PBE em obstetrícia (HENRIQUES, 2021), o questionário foi estruturado de forma a entender os participantes que constituíam sua amostra, assim como seus conhecimentos gerais e específicos sobre o tema abordado. Os casos situação são um exemplo de metodologia ativa, espelhando-se na aprendizagem baseada em problemas, preconizada para o favorecimento do pensamento crítico e envolvimento do aluno no seu processo de ensino-aprendizado (FERRAZ, 2020).

Os resultados das variáveis qualitativas são apresentados como frequências absolutas e relativas, enquanto as variáveis quantitativas são expressas como médias, desvios padrão, medianas e intervalos interquartis (IIQ). A normalidade foi avaliada pelo teste KS, e as correlações entre o conhecimento de PBE na obstetrícia e as variáveis foi calculado de acordo com os testes de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis com correção de Bonferroni, foram examinadas pelo coeficiente de correlação de Spearman. A significância estatística foi determinada em valores de  $p < 0,05$ . Essas análises foram realizadas utilizando o software estatístico SPSS (IBM SPSS Statistics, Versão 25.0, Armonk, NY: IBM Corp.).

## Resultados

Participaram do estudo 154 estudantes de cursos de graduação, com média de idade de  $22,6 \pm 3,2$  anos. A tabela 1 apresenta a caracterização da amostra correlacionada com o conhecimento de PBE, incluindo gênero, curso de graduação, características sobre o contato com a PBE no contexto acadêmico formal e informal, assim como a percepção individual de relevância sobre o uso da PBE na assistência e ensino obstétrico.

**Tabela 1** - Correlação entre variáveis e nível de conhecimento de Prática Baseada em Evidência

	n	%	Mediana	IQR	p-valor
<b>Gênero</b>					
Feminino	130	84,4	87,5	62,5 100,0	0,022
Masculino	24	15,6	68,8	50,0 87,5	
<b>Curso</b>					
Enfermagem	25	16,2	100,0	87,5 100,0	0,004

Fisioterapia	55	35,7	87,5	62,5	100,0	
Medicina	19	12,3	87,5	50,0	100,0	
Fonoaudiologia	10	6,5	87,5	31,3	100,0	
Nutrição	11	7,1	75,0	37,5	100,0	
Farmácia	9	5,8	75,0	43,8	87,5	
Psicologia	7	4,5	62,5	50,0	87,5	
Biomedicina	18	11,7	75,0	37,5	78,1	
<b>Concluiu a(s) disciplina(s) do seu curso que aborda(m) conteúdos referentes à Saúde da Mulher, Saúde Materno-Infantil e/ou Obstetrícia</b>						
Não	92	59,7	75,00	50,00	87,50	<0.001
Sim/Cursando	62	40,3	100,00	84,38	100,00	
<b>PBE quando cursou a disciplina</b>						
Não	10	15,2	87,5	62,5	100,0	0,527
Sim	52	78,8	100,0	87,5	100,0	
<b>Possui afinidade/interesse pela área de Obstetrícia</b>						
Não	65	42,2	75,0	50,0	100,0	0,261
Sim	89	57,8	87,5	62,5	100,0	
<b>Teve contato com PBE no contexto da assistência obstétrica</b>						
Não	77	50,0	75,0	50,0	87,5	<0.001
Sim	77	50,0	87,5	75,0	100,0	
<b>Lugar contato com PBE n=77</b>						
Dentro/através da minha graduação atual	66	42,9	87,5	75,0	100,0	0,238
Contato externo	11	7,1	87,5	75,0	100,0	
<b>Importância da aplicação de PBE na assistência Obstétrica</b>						
Muito importante	146	94,8	87,5	62,5	100,0	0,891
Importante	8	5,2	87,5	65,6	87,5	
<b>Importância da aplicação de PBE no ensino da Obstetrícia</b>						
Muito importante	146	94,8	87,5	59,4	100,0	0,600
Importante/Pouco	6	5,2	87,5	78,1	87,5	
<b>Espaço de conhecimentos adquiridos</b>						
Externo	90	58,4	75,0	50,0	87,5	0,001
Graduação	57	37,0	87,5	75,0	100,0	
Ambos	7	4,5	87,5	62,5	100,0	

A tabela 1 também apresenta a análise da relação de conhecimento conforme as variáveis de caracterização da amostra. O conhecimento foi maior em participantes do gênero feminino ( $p=0,022$ ). Há diferença de acordo com o curso ( $p=0,004$ ), em que os participantes de Enfermagem possuem maior nível de conhecimento que participantes de Biomedicina. Além disso, foi observado um maior conhecimento daqueles alunos que já cursaram ou estão cursando

uma disciplina específica do seu curso sobre a área ( $p < 0,001$ ) quando comparado com aqueles que não cursaram ainda ou estão em cursos que não oferecem disciplina específicas nessa área, sendo que esses últimos alunos apresentam menor nível de conhecimento.

Alunos que relataram terem tido contato com PBE no contexto da assistência obstétrica apresentaram maior conhecimento comparado aos que não tiveram contato no contexto analisado ( $p < 0,001$ ). Alunos que apontaram responder a última seção do questionário através de conhecimentos adquiridos na graduação atual demonstraram maior nível de conhecimento do que os alunos que marcaram ter tido contato através de meio informal ( $p = 0,001$ ). Não houve diferença significativa no resultado da análise do conhecimento de acordo com as variáveis de contato com PBE na disciplina, espaço de contato com a PBE em obstetrícia, percepção de importância da PBE na prática obstétrica ou ensino da obstetrícia.

Consta na tabela 2 a análise do conhecimento obtida através da seção de casos clínicos do questionário aplicado. 67,5% da amostra identificou corretamente todas as oito práticas e intervenções que possuem embasamento científico, assim como não assinalou nenhuma das três práticas e intervenções sem embasamento científico. A finalidade dessa análise foi averiguar a capacidade da amostra de identificar se determinadas práticas e intervenções apresentam embasamento científico.

**Tabela 2 - Análise do conhecimento específico sobre intervenções em obstetrícia**

Conhecimento		n	%
Marcou pelo menos uma prática sem evidência	Não	118	76,6
	Sim	36	23,4
Práticas sem evidência (múltipla escolha)	Manobra de Kristeller	24	15,6
	Negação de alimentos	21	13,6
	Episiotomia de rotina	7	4,5
Marcou todas as práticas com evidência	Não	104	67,5
	Sim	50	32,5
Práticas com evidência (múltipla escolha)	Contato pele a pele na primeira hora de vida	142	92,2
	Incentivo e orientação à amamentação na primeira hora de vida	140	90,9
	Adoção de posições de acordo com a vontade da gestante	128	83,1
	Massagem lombar	125	81,2
	Imersão em água	124	80,5
	Incentivo à deambulação	120	77,9
	Oferta de métodos não farmacológicos de analgesia antes de métodos farmacológicos de analgesia	115	74,7
	Oferta de água	83	53,9

A Tabela 3 apresenta a percepção dos alunos quanto ao contato com a PBE e a relevância dada à inserção da PBE no ensino e na assistência obstétrica entre os cursos de graduação

analisados. Na análise, foi observado que o contato com a PBE na obstetrícia é maior no curso de Enfermagem, enquanto alunos dos cursos de Biomedicina, Farmácia e Fonoaudiologia assinalaram menor percepção de contato com a PBE. Quanto à percepção de relevância da PBE na assistência e no ensino da obstetrícia, os resultados foram independentes do curso de graduação analisado (Tabela 3).

**Tabela 3** - Relação de contato e percepção de importância conforme cursos

	Teve contato com PBE no contexto da assistência obstétrica					Importância da aplicação de PBE no ensino da Obstetrícia				Importância da aplicação de PBE na assistência Obstétrica						
	Total	Não		Sim		p-valor	Importante/Pouco		Muito importante		p-valor	Importante		Muito importante		p-valor
		n	n	%	n		%	n	%	n		%	n	%	n	
Biomedicina	18	1	88,9	2	11,1		2	11,1	6	88,9		3	16,7	15	83,3	
Enfermagem	25	5	20,0	20	80,0		1	4,0	4	96,0		1	4,0	24	96,0	
Farmácia	9	8	88,9	1	11,1		1	11,1	8	88,9		1	11,1	8	88,9	
Fisioterapia	55	2	40,0	33	60,0	<0,001	1	1,8	4	98,2	<0,095	0	0,0	55	100,0	0,148
Fonoaudiologia	10	8	80,0	2	20,0		0	0,0	0	100,0		1	10,0	9	90,0	
Medicina	19	9	47,4	10	52,6		1	5,3	8	94,7		1	5,3	18	94,7	
Nutrição	11	6	54,5	5	45,5		0	0,0	11	100,0		0	0,0	10	100,0	
Psicologia	7	3	42,9	4	57,1		2	28,6	5	71,4		1	14,3	6	85,7	

## Discussão

Esse é o primeiro estudo que se propõe a analisar o conhecimento de alunos de graduação da área da saúde quanto à sua capacidade de identificação de PBE na obstetrícia, sua inserção no ensino e percepção de relevância dada ao tema. Como principal resultado encontramos que 67,5% da amostra não soube diferenciar adequadamente entre práticas obstétricas embasadas cientificamente daquelas que não possuem embasamento científico.

A pesquisa Nascido no Brasil, publicada em 2012, traz que apenas 5,6% das mulheres conseguiram ter um parto vaginal sem nenhuma intervenção. Quanto às intervenções realizadas, 40% receberam ocitocina e foram submetidas à amniotomia com o objetivo de acelerar o trabalho de parto, obrigatoriedade de posição de litotomia em 92% dos casos, manobra de Kristeller em 37% e episiotomia em 56% (CORTES, 2018). Essa prevalência de

intervenções é excessiva e não respaldada por evidências científicas, distanciando-se do que é trazido em diretrizes recentes (ZANARDO, 2017).

Cruzando os dados entre a Pesquisa Nascer no Brasil (2012) os resultados encontrados na presente pesquisa, mais especificamente analisando a Manobra de Kristeller, 15,6% dos alunos que responderam a pesquisa indicaram que esta seria uma prática com embasamento científico, enquanto na prática ela é realizada em 37% das assistências obstétricas no Brasil. Uma hipótese é de que isso seja resultado de uma crescente do conhecimento dos profissionais que ainda irão se inserir na assistência se comparado a aqueles que já estão atuando.

Outro achado relevante foi de que aqueles alunos que assinalaram ter tido contato com PBE na graduação identificaram as intervenções com embasamento científico comparado àqueles que não tiveram contato com PBE. Isso demonstra que a inserção da PBE no ensino da obstetrícia apresenta valor significativo quanto à assistência obstétrica prestada por futuros profissionais, pois alunos que reconhecem práticas adequadas e vêem o valor da sua aplicação, têm maior probabilidade de aplicarem-nas em sua prática profissional (RAMIS, 2019).

Ao analisarmos as respostas de identificação de intervenções com ou sem embasamento científico correlacionadas aos casos-situação, é possível verificar uma diferença no acerto da identificação de práticas relacionadas ao binômio mãe-bebê e práticas exclusivas à saúde materna. Intervenções como contato pele a pele na primeira hora de vida e incentivo e orientação à amamentação na primeira hora de vida foram marcadas corretamente por mais de 90% da amostra. Intervenções referentes exclusivamente ao bem-estar da mulher durante o trabalho de parto, como a oferta de métodos não-farmacológicos de alívio da dor antes de métodos farmacológicos e a oferta de água, foram assinalados por apenas 74,7% e 53,9% da amostra, respectivamente.

A humanização preconiza que a tomada de decisão seja feita pela pessoa que está recebendo o cuidado e, com o apoio das informações técnicas providas pelo profissional da saúde, quando assim possível (DAWES, 2005). Partindo desse pressuposto, a educação em saúde previne possíveis intervenções inadequadas e violências obstétricas, assim como priorizar o protagonismo e autonomia da mulher no trabalho de parto (SILVA, 2021). As orientações em saúde são de responsabilidade de toda a equipe de profissionais da saúde, ainda que usualmente este cuidado esteja nas mãos de enfermeiros obstetras (COIMBRA, 2021; CONCEIÇÃO, 2020).

Esse dado condiz com os achados da presente pesquisa, que demonstrou maior conhecimento dos acadêmicos de Enfermagem quando comparado a alunos de outros cursos de graduação, mesmo aqueles com disciplina específica em Atenção à Saúde da Mulher. Ainda coerente com COIMBRA (2021), vê-se a importância de que todos os profissionais da saúde tenham conhecimento básico sobre a atenção obstétrica a fim de desenvolver adequadamente sua função de educação em saúde na equipe interdisciplinar.

Um resultado inesperado foi que não houve diferença significativa entre o nível de conhecimento demonstrado por alunos que não tiveram contato com a PBE na disciplina específica daqueles que o tiveram. Isso provavelmente se dá pela amplitude do ensino universitário atual, que abrange projetos de extensão, de iniciação científica, de iniciação à docência, ligas acadêmicas e eventos promovidos pela universidade acerca do tema. Alunos que participam de projetos universitários como os citados acima possuem maior autonomia sobre o conhecimento buscado durante a graduação, podendo escolher em quais assuntos gostariam de aprofundar seus estudos, ter experiências práticas nas áreas de interesse e contato com a comunidade em que os serviços estão inseridos. Isso impacta de forma positiva o processo de ensino-aprendizagem do aluno ao promover seu senso crítico, autonomia e responsabilidade sobre sua formação (SANTOS, 2016).

O estudo apresentou como principal limitação o uso de um questionário não validado, sendo ele desenvolvido especificamente para essa pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que ainda não há um instrumento validado para detecção de práticas de violência obstétrica (HENRIQUES, 2021) e para compreensão do impacto do ensino da PBE nesse contexto específico. O uso de um questionário validado voltado à avaliação de conhecimento da PBE poderia ser útil para replicação do estudo em maior escala e avança na área do ensino em saúde baseado em evidência. Apesar disso, o estudo não deixa de apresentar uma grande validade interna para avaliação de matrizes curriculares dos cursos de graduação e a inserção e intensificação do ensino da PBE no contexto obstétrico acadêmico.

## **Conclusão**

Através dos resultados obtidos e considerações trazidas, que buscavam analisar o conhecimento de alunos na temática de PBE no contexto da obstetrícia, é possível concluir que existem lacunas de aprendizado no ensino da obstetrícia nas graduações de saúde. Isso se demonstra através da identificação incorreta das intervenções e práticas obstétricas, fato que

ocorreu com maior frequência nas respostas de alunos de cursos sem disciplina específica em obstetrícia, ou com disciplina específica que não abordou a PBE no ensino da obstetrícia.

## Referências Bibliográficas

CÔRTEZ, C. T. et al. **Implementation of evidence-based practices in normal delivery care.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 26, 8 mar. 2018.

SOUZA, M. S. et al. **ASSISTÊNCIA DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: REVISÃO INTEGRATIVA.** RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar - ISSN 2675-6218, v. 3, n. 1, p. e311035, 31 dez. 2021.

HENRIQUES, T. **Violência obstétrica: um desafio para saúde pública no Brasil.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <[https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2021/02/violencia-obstetrica\\_tatiana\\_henriques\\_pagina\\_grena\\_fev2021.pdf](https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2021/02/violencia-obstetrica_tatiana_henriques_pagina_grena_fev2021.pdf)>.

COIMBRA, H.; SANTOS, L. F. DOS; SANTOS, M. V. F. **A humanização do parto e da equipe multiprofissional como instrumento de rompimento com a violência obstétrica.** Research, Society and Development, v. 10, n. 12, p. e217101220496, 18 set. 2021.

OLIVEIRA, L. L. F. DE et al. **Characterization of obstetric care developed in teaching hospitals in a capital of northeast Brazil.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 75, n. 1, 2022.

ZANARDO, G. L. DE P. et al. **VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA.** Psicologia & Sociedade, v. 29, n. 0, 2017.

PROJETOS, S.; MINISTÉRIO, D.; SAÚDE. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher Princípios e Diretrizes.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_nac\\_atencao\\_mulher.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nac_atencao_mulher.pdf)>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE Brasília -DF. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto.pdf>>.

ECCLES, M. P. et al. **Do self-reported intentions predict clinicians' behaviour: a systematic review.** Implementation Science, v. 1, n. 1, 21 nov. 2006.

RAMIS, M.-A. et al. **Theory-based strategies for teaching evidence-based practice to undergraduate health students: a systematic review.** BMC Medical Education, v. 19, n. 1, 18 jul. 2019.

KYRIAKOULIS, K. et al. **Educational strategies for teaching evidence-based practice to undergraduate health students: systematic review.** Journal of Educational Evaluation for Health Professions, v. 13, p. 34, 22 set. 2016.

DAWES, M. et al. **Sicily Statement on evidence-based Practice.** BMC Medical Education, v. 5, n. 1, p. 7, 5 jan. 2005.

FERRAZ, L. et al. **Ensino e aprendizagem da prática baseada em evidências nos cursos de Enfermagem e Medicina.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 101, n. 257, 1 abr. 2020.

LEITE, K. N. S. et al. **UTILIZAÇÃO DA METODOLOGIA ATIVA NO ENSINO SUPERIOR DA SAÚDE: REVISÃO INTEGRATIVA.** Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 25, n. 2, 7 jun. 2021.

SANTOS, J. H. DE S.; ROCHA, B. F.; PASSAGLIO, K. T. **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR.** Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 7, n. 1, p. 23–28, 28 maio 2016.

SILVA, J. D. G. **Educação em saúde para mulheres como ferramenta preventiva de violência obstétrica na rede pública de saúde.** repositorio.animaeducacao.com.br, 2021.

CONCEIÇÃO, D. S. et al. **A EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇA SOCIAL.** Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 8, p. 59412–59416, 2020.